

## RECADO DE PARIS

PARIS, maio — André Salmon acaba de publicar a história dos tempos heroicos de Montparnasse. Não duvido que seu livro fique desde logo clássico; através dos tempos muita gente precisará desse depoimento para conhecer os pequenos fatos de um bairro de onde saiu tanta coisa para o mundo.

Estamos antes da primeira Grande Guerra, Lênine e Trotsky jogam uma partida de xadrez no terraço da Rotonde, e uns rapazolas meigos tontos, vindo de vários países, e que se chamam Picasso, Soutine, Matisse, Fujita, Kisling, Van Dongen, trocam as pernas por aí. Vem a guerra, muitos trocam a paleta pelo fuzil. Depois começam a chegar os nomes de mortos e feridos do "quartier". Há uma festa, uma verdadeira orgia a 7 francos por cabeça, em honra do tenente de infantaria Braque, que sofreu uma trepanação. Braque conta que no dia seguinte à operação em sua cabeça, a enfermeira, muito carinhosa, veio lhe trazer o almoço: "Coma sim, fui eu mesma que fiz para você — é miolo na manteiga preta". Apollinaire, que teve de fazer a mesma operação, descobre o "bistrô" do sr. Vigoreux, que tinha duas filhas bonitas — "Vamos ver as Vigourelles", convidava êle.

O último ano de guerra foi ferozmente brilhante. Fujita passava seu quimono e seduz as mulheres. Cendrars voltou do "front" com um braço de menos e ostenta, ninguém sabe por que, um uniforme de bombeiro; Soutine manda tingir os cabelos, Picasso se instala na rua Schelcher, toda gente se diverte indo visitar o "douanier" Rousseau, que fica muito aflito quando acaba o vinho branco para as visitas e faz presente de um quadrinho a quem lhe leva um litro; Max Jacob, com um bordão de peregrino, vende um livro pelos cafés, e vai se converter ao catolicismo; Jean Cocteau, soldado de segunda classe, inventa um uniforme maravilhoso, com botinas amarelas de aviador, calças "garance" e blusa negra dos regimentos de montanha — tudo encimado por uma casquete cor de violeta que é de sua criação exclusiva, e quando vem o armistício é êle quem introduz no "quartier" as pequenas manequins dos costureiros de luxo, o gin, negros, jazz e duquesas. Os artistas saem da miséria, os preços dos quadros sobem, gente rica invade Montparnasse, abre-se muita champagne, e aquêle rapaz que tem um jeito esquisito de andar de lado como um carangueijo chama-se Hemingway, e faz assim para não mostrar demasiado os seus fundilhos rasgados. Outras gerações vão povoando os "bistrôs" de Montparnasse; mas acabou seu tempo de lenda...

11.5.50

R. B.